

Povo Yanomami ingressa r

Filhos de Omama, o criador, os Yanomami formam uma sociedade de caçadores-agricultores e lutam pelos seus direitos, conquistando espaços e respeito. Este ano, ingressaram na Universidade F

ÉDER RODRIGUES E ALINE PADILHA
COM CONTRIBUIÇÃO DE MAURÍCIO YE'KUANA

O contato dos Yanomami com a sociedade nacional é, na maior parte do seu território, relativamente recente. Dados da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), de 2011, indicam que no Brasil, a população Yanomami é de 19.338 pessoas, repartidas em 228 comunidades. Mas existem Yanomami também na Venezuela. De acordo com levantamento feito também, neste ano, na Hutukara Associação Yanomami (HAY), a população total no Brasil e na Venezuela é estimada em cerca de 35 mil pessoas.

Localizada entre os estados do Amazonas e Roraima, a Terra Indígena Yanomami foi homologada por decreto presidencial em 25 de maio de 1992. Cobre, aproximadamente, 97 mil km² de floresta tropical no Brasil e é reconhecida por sua alta relevância em termo de proteção da biodiversidade amazônica. Quando somadas as terras do lado venezuelano, seu território total chega, aproximadamente, a 192 mil km².

História

Por não possuírem afinidade genética, antropológica ou linguística com os seus vizinhos atuais, como os Ye'kuana (de língua karib), geneticistas e linguistas que os estudaram deduziram que os Yanomami seriam descendentes de um grupo indígena que permaneceu relativamente isolado desde uma época remota. Uma vez estabelecido enquanto conjunto linguístico, os antigos Yanomami teriam ocupado a área das cabeceiras do Orinoco e Parima há um milênio, e ali iniciado o seu processo de diferenciação interna (há 700 anos) para acabar desenvolvendo suas línguas atuais.

Segundo a tradição oral Yanomami e os documentos mais antigos que mencionam este grupo indígena, o centro histórico do seu habitat situa-se na Serra Parima, divisor de águas entre o alto Orinoco e os afluentes da margem direita do rio Branco. Essa é ainda a área mais densamente povoada do seu território. O movimento de dispersão do povoamento Yanomami a partir da Serra

Parima em direção às terras baixas circunvizinhas começou, provavelmente, na primeira metade do século XIX, após a penetração colonial nas regiões do alto Orinoco e dos rios Negro e Branco, na segunda metade do século XVIII. A configuração contemporânea das terras Yanomami tem sua origem neste antigo movimento migratório.

Tal expansão geográfica dos Yanomami foi possível, a partir do século XIX e até o começo do século XX, por um importante crescimento demográfico. Vários antropólogos consideram que essa expansão populacional foi causada por transformações econômicas induzidas pela aquisição de novas plantas de cultivo e de ferramentas metálicas por meio de trocas e guerras com grupos indígenas vizinhos (Karib, ao norte e a leste; Arawak, ao sul e ao oeste), que, por sua vez, mantinham um contato direto com a fronteira branca. O esvaziamento progressivo do território desses grupos, dizimados pelo contato com a sociedade regional por todo o século XIX, acabou favorecendo também o processo de expansão Yanomami.

Primeiros contatos

Até o fim do século XIX, os Yanomami mantinham contato apenas com outros grupos indígenas vizinhos. No Brasil, os primeiros encontros diretos de grupos Yanomami com representantes da fronteira extrativista local (balateiros, piaçabeiros, caçadores), bem como com soldados da Comissão de Limites e funcionários do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), criado em 1910 e substituído pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 1967, ocorreram nas décadas de 1910 a 1940.

Entre os anos 1940 e meados dos anos 1960, a abertura de alguns postos do SPI e, sobretudo, de várias missões católicas e evangélicas, estabeleceu os primeiros pontos de contato permanente no seu território. Estes postos constituíram uma rede de pólos de sedentarização, fonte regular de objetos manufaturados e de alguma assistência sanitária, mas também, muitas vezes, origem de graves

surtos epidêmicos (sarampo, gripe e coqueluche).

Nas décadas de 1970 e 1980, os projetos de desenvolvimento do Estado começaram a submeter os Yanomami a formas de contato maciço com a fronteira econômica regional em expansão, principalmente no oeste de Roraima: estradas, projetos de colonização, fazendas, serrarias, canteiros de obras e primeiros garimpos. Esses contatos provocaram um choque epidemiológico de grande magnitude, causando altas perdas demográficas, uma degradação sanitária generalizada e, em algumas áreas, graves fenômenos de destruturação social.



o Ensino Superior Público

moradores da floresta tropical. Organizados em Associação, o povo vem lutando há décadas Federal de Roraima.

“Quero que meu povo viva em paz e que o Brasil reconheça os nossos direitos”, diz Dário Kopenawa

Por ano, o processo de vestibular da UFRR oferece cerca de 150 vagas destinadas às comunidades indígenas. Cinquenta delas são distribuídas entre os 38 cursos de graduação que a instituição oferece, 60 são destinadas ao curso de Licenciatura Intercultural e 40 para o curso de Gestão Territorial, estes últimos oferecidos pelo Instituto Insikiran. De acordo com o levantamento da Comissão Permanente do Vestibular (CPV) e do Instituto Insikiran todas as vagas ofertadas são preenchidas. Este ano, pela primeira vez na história da educação superior pública no Brasil, uma universidade recebe integrantes do povo Yanomami, considerado um dos mais isolados da região amazônica.

Yanomami

Nove Yanomami foram aprovados, oito deles vão cursar Licenciatura Intercultural a partir de janeiro de 2012. Dário Kopenawa Yanomami destacou-se por ser o único da etnia aprovado no curso de Gestão Territorial. Ele é filho do líder Yanomami Davi Kopenawa, reconhecido mundialmente pela luta e defesa dos direitos dos povos indígenas. Aos 26 anos, Dário iniciou a vida universitária neste mês de agosto na UFRR e é oficialmente o primeiro Yanomami a frequentar uma faculdade pública.

Para este jovem que cresceu em uma aldeia indígena, os desafios serão muitos, mas a oportunidade de um curso voltado especificamente para as necessidades indígenas e que respeita a cultura e as raízes de cada povo traz mais segurança e confiança para seguir em frente.

Dário, que milita há 12 anos com o pai, pretende aliar a cultura e as experiências dos Yanomami ao “mundo” daqueles que não conhecem a realidade indígena. Ao mesmo tempo quer ampliar o conhecimento do sistema político e social brasileiro. “Esta é uma grande conquista para o meu povo, afinal era muito difícil passar na Universidade Federal. Para mim há dois pensamentos que sigo: quero estudar melhor a filosofia de vida dos de quem não vive nossa realidade, entender as leis, os processos, mas também comunicar o valor da nossa cultura e transmitir nossos conhecimentos sobre nossa comunidade a eles”, explica.

Para ele, a língua não será a principal dificuldade, o maior problema é vencer o preconceito daqueles que não conhecem e não valorizam a cultura indígena. “A cidade ainda é estranha para mim. Ainda existe muito desrespeito. Considero que vivemos em um estado anti-indígena e temos vários desafios, mas estou lutando na Hutukara, juntamente com movimentos indígenas do Brasil, sobretudo na questão de invasões

de terra e é uma grande responsabilidade para nós que agora estamos na universidade”, lembra.

Dário também fala que após concluir o curso de Gestão Territorial quer fazer Direito, considerando que depois de vencer esta etapa dos estudos, retornará para a comunidade. “Quero que meu povo viva em paz. Que o estado de Roraima e o Brasil reconheçam os nossos direitos e respeite o povo Yanomami”, finaliza ele.

Instituto Insikiran: respeito e valorização da cultura indígena

Em 2009, o Núcleo Insikiran passou a ser denominado Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena. Para a universidade, o Insikiran é um compromisso social, no qual são implementadas políticas de ação para os povos indígenas e a consolidação das políticas públicas de ensino superior direcionadas a essas populações, respeitando a diversidade étnico-cultural. O Instituto tem cerca de 350 alunos e já formou alunos das comunidades Macuxi, Wapichana, Taurepang, Wai Wai, Ingaricó e Ye'kuana.

Dois cursos são oferecidos: Licenciatura Intercultural, que abrange três áreas de habilitação: Comunicação e Artes, Ciências da Natureza e Ciências Sociais. Tem como objetivo habilitar professores indígenas para atuarem na educação básica das comunidades em Roraima. E ainda o curso de Gestão Territorial Indígena, que visa a formação e habilitação dos índios para atuarem no âmbito da região amazônica, com atividades que envolvam a gestão de territórios, particularmente a formulação, desenvolvimento, monitoramento e avaliação de políticas, projetos e ações que garantam a sustentabilidade, a defesa do patrimônio cultural e natural de cada comunidade.

Para o professor Celino Alexandre Raposo, coordenador do curso de Licenciatura Intercultural, é importante a entrada de acadêmicos Yanomami na UFRR, uma vez que é objetivo do Insikiran proporcionar o ensino de qualidade a todos os povos indígenas de Roraima, independente da etnia. “Os Yanomami sempre estiveram mais isolados que os outras etnias e têm uma concepção de mundo mais ampla. É a oportunidade deles de se assemelhar as outras etnias ao ingressar na universidade e adquirir conhecimento em uma área relacionada ao seu dia a dia”, complementa.



Professor Celino Raposo, coordenador do curso de Licenciatura Intercultural



Dário Kopenawa: “meu pai já lutou muito. Agora é a minha vez de continuar o trabalho pelo nosso povo e pela terra”.

